



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,

EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB

INDICADORES DE STRESS FRENTE AO ENSINO INCLUSIVO

SIMONE CANDIDO DOS SANTOS

ORIENTADORA: ANA PAULA PERTUSSATI TEPERINO

BRASÍLIA/2015



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

SIMONE CANDIDO DOS SANTOS

INDICADORES DE STRESS FRENTE AO ENSINO INCLUSIVO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientadora: Ana Paula Pertussati Teperino

BRASÍLIA/2015

TERMO DE APROVAÇÃO

SIMONE CANDIDO DOS SANTOS

INDICADORES DE STRESS FRENTE AO ENSINO INCLUSIVO

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em _28_/_11___/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

ANA PAULA PERTUSSATI TEPERINO

MERCEDES VILLA CUPOLILLO

SIMONE CANDIDO DOS SANTOS

BRASÍLIA/2015

DEDICATÓRIA

Minha formação acadêmica não aconteceria sem o apoio dos meus pais João Evangelista e Maria Zilmar de Jesus, que no decorrer da minha formação propuseram a melhor educação possível e sempre me ensinando a buscar o conhecimento, pois somente através do mesmo poderia conquistar meus objetivos. E por esta e dentre outras razões dedico e reconheço a vocês, minha singela gratidão.

À Deus, dedico minha imensa gratidão, pois sem ele não suportaria os obstáculos na vida.

E aos meus amigos (as), professores (as) e todos aqueles (as) que cruzaram em minha vida, participando de alguma forma na construção e realização deste tão desejado sonho de concluir a minha especialização.

SIMONE CANDIDO DOS SANTOS

AGRADECIMENTOS

À Prof.a Ms Ana Paula Pertussati Teperino, pela ajuda desde o início da minha formação e principalmente por ser além de ótima orientadora, é amiga e humana. A dedicação da mesma em ajudar e compreender os formandos fez e faz toda diferença.

Aos colegas de formação da turma 10 de Cruzeiro do Sul, por sempre compartilharem as dúvidas e apoiar uns aos outros com palavras de motivação para não desistirmos da conclusão da especialização.

A todos vocês, muito obrigada.

SIMONE CANDIDO DOS SANTOS

RESUMO

A Educação Inclusiva ainda passa por um processo de implantação efetiva, pois sabemos que as garantias obtidas nas leis até a atualidade representam grandes avanços, porém na prática existem vários fatores que podem dificultar o trabalho dos profissionais envolvidos com a mesma. Dentre estes obstáculos a serem superados, há a possibilidade do stress causado em professores, sendo o objetivo principal desta pesquisa o de identificar os principais fatores que influenciam o nível de stress dos professores. Caracterizado como pesquisa quali-quantitativa, todos os resultados foram obtidos através das observações realizadas em sala de aula e dos questionários aplicados para os professores regentes. Foram entrevistados onze professores regentes. De acordo com os questionários 27% dos professores apresentam fatores que indicam stress, sendo que 61% dos professores afirmaram sentir-se nervoso ou estressado no trabalho. Dentre os resultados apresentados, acredita-se que os fatores que mais contribuem para o stress dos professores regentes sejam a falta de comprometimento dos alunos e dos pais ou responsáveis.

Palavras-Chave: Educação Inclusiva. Stress. Professor Regente.

SUMÁRIO

1- APRESENTAÇÃO	10
2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 – Educação inclusiva: um enfoque histórico	12
2.2 – Educação inclusiva no Brasil	13
2.3 – Ocorrência de stress na educação inclusiva	14
3-OBJETIVOS	17
3.1 – Objetivos gerais	17
3.2 – Objetivos específicos	17
4- METODOLOGIA	18
4.1 – Fundamentações teóricas da metodologia.....	18
4.2 – Contexto da pesquisa	18
4.3 – Participantes	19
4.4– Materiais.....	19
4.5 – Instrumentos de construção de dados	19
4.6 – Procedimento de construção de dados	19
4.7 – Procedimento de análise dos dados	20
5- RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
5.1 – Observações da escola e da aula	21
5.2 – Resultados dos questionários	22
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICES	44
APÊNCICE A: QUESTIONÁRIO	44
ANEXOS	46
ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	46
ANEXO B: ACEITE INSTITUCIONAL	48

ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Grau de formação dos professores entrevistados.....	23
Figura 2: Forma de planejamento das aulas.....	24
Figura 3: Dificuldade em trabalhar com alunos com NEEs.....	26
Figura 4: Dificuldades relatadas pelos professores.....	28
Figura 5: Afastamento, por motivo qualquer, de sala de aula.....	29
Figura 6: Professores que necessitaram de ajuda psicológica.....	29
Figura 7: Professores que entraram com licença médica.....	30
Figura 8: Professores que apresentam nervosismo ou estresse no trabalho.....	30
Figura 9: Professores que se sentem pressionados no trabalho.....	31
Figura 10: Professores que se sentem incomodados no trabalho.....	32
Figura 11: Professores que se sentem valorizados no trabalho.....	33
Figura 12: Comunicação efetiva entre os professores.....	33
Figura 13: Relações interpessoais satisfatórias.....	34
Figura 14: Perspectivas dos professores quanto o trabalho deles.....	34
Figura 15: Competição excessiva entre os professores.....	35
Figura 16: Trabalho excessivo entre os professores.....	36
Figura 17: Indicadores de stress apresentados pelos professores.....	36
Figura 18: Ocorrência de tontura entre os professores.....	37
Figura 19: Cansaço excessivo apresentado pelos professores.....	37
Figura 20: Humor deficitário.....	38
Figura 21: Presença de monitores em sala de aula.....	39
Figura 22: Aula no contra turno para alunos com NEEs.....	40

1 APRESENTAÇÃO

Atuo na docência desde 2013 na área de formação em Língua Inglesa. Em meados de 2013, tive a oportunidade de lecionar na Escola Municipal Thaumaturgo Azevedo, localizada no Município de Cruzeiro do Sul - Acre, onde me deparei com salas compostas por mais de 36 alunos, dentre eles, alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE). Confesso que ao me deparar com estes alunos me senti desorientada, pois na época a escola não tinha professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e nem sala de recursos. A falta de conhecimento para atuar com esse público também se fez presente nesse primeiro contato com o ensino inclusivo, contribuindo para aumentar a minha sensação de insegurança.

Portanto a escolha do tema “Indicadores de Stress frente ao Ensino Inclusivo”, foi baseado nas observações feitas na minha vivência profissional durante o meu primeiro contato com alunos com NEE em sala de aula e principalmente frente ao meu despreparo no ensino inclusivo que gerava desconforto emocional, carregado de um nível de stress significativo. O trabalho tem como objetivo analisar e compreender as causas e condições em que se encontra o nível de stress dos professores que atuam no processo de inclusão, mais especificamente dos professores regentes.

Para Moreira (2002), a diferença entre a pesquisa quantitativa e a qualitativa vai além da simples escolha de estratégias de pesquisa e procedimentos de coleta de dados, representando, na verdade, posições epistemológicas antagônicas. Segundo Minayo (1993): "a relação entre quantitativo e qualitativo (...) não pode ser pensada como oposição contraditória (...) é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais 'concretos' e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente e vice-versa". Como essa pesquisa consiste em abordar o stress dos professores regentes que trabalham com inclusão, dando enfoque para a visão de educação para os professores, o modo quali-quantitativo torna-se o mais apropriado para se atingir os objetivos esperados.

Como instrumento de levantamento de informações serão utilizados a observação e a questionário semiestruturado. Os participantes da pesquisa serão professores regentes de uma escola de ensino fundamental onde foi verificado o nível de stress apresentado por eles ao atuarem com Educação Inclusiva.

Acredito que o despreparo profissional é um indicador relevante vinculado

diretamente com o nível de stress do professor regente frente ao ensino de alunos com NEE. Considero que essa pesquisa é bastante importante e muito contribuirá para que o educador tenha um melhor preparo no seu dia a dia, para realizar um trabalho de qualidade e atender com devida atenção as pessoas com Necessidades Educacionais Especiais.

Sabemos que a condição de stress (estresse) excessivo e seus sintomas, deixam as pessoas com o nível de tolerância comprometido, nos contextos laboral, familiar e social. Na rotina do profissional em educação não é diferente, pois o desgaste emocional e as queixas diárias evidenciam explicitamente o quanto estão insatisfeitos com a profissão e podem se agravar quando ficam frente ao ensino inclusivo.

Devido à carência de pesquisas a respeito deste fator que pode influenciar o ensino inclusivo, destaca-se a importância de se realizar um levantamento a respeito dos fatores que influenciam, contribuem e perturbam a qualidade do ensino, levando em consideração aspectos de formação continuada e a própria execução dos planejamentos voltados para pessoas com NEE

Estudar os indicadores de stress na educação, mais especificamente no ensino inclusivo, trará contribuições para as futuras pesquisas a respeito deste tema e ainda poderá auxiliar na formulação de estratégias que combatam o stress e desta forma contribua para a efetivação do ensino inclusivo. A partir do momento em que se encontram as causas de determinado stress, meios poderão ser providos para que seja neutralizado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação Inclusiva: um enfoque histórico

Desde a antiguidade, a educação é considerada uma ferramenta de manutenção e perpetuação dos princípios da sociedade, porém na antiguidade, a educação possuía um aspecto diferente da atual, pois pessoas com deficiência eram excluídas. Como citado nas Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica:

“Os indivíduos com deficiências, visto como “doentes” e incapazes, sempre estiveram em situação de maior desvantagem, ocupando no imaginário coletivo, a posição de alvos da caridade popular e assistência social, e não sujeitos de direitos sociais, entre os quais se inclui o direito a educação.” (BRASIL, 2001, p 19)

No decorrer da história, à medida que a sociedade mudava no setor econômico, político e das ciências em geral, mudava também o pensamento a respeito das formas de ver e agir com pessoas com deficiência. Saindo do comportamento primitivo de exclusão, passando pela institucionalização, em seguida pela integração e por fim chegando à inclusão.

A respeito da inclusão Sasaki (1997, p. 41) define como:

“Incluir é trocar, entender, respeitar, valorizar, lutar contra exclusão, transpor barreiras que a sociedade criou para as pessoas. É oferecer o desenvolvimento da autonomia, por meio da colaboração de pensamentos e formulação de juízo de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.”

As Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica definem inclusão da seguinte forma:

“Entende-se por inclusão a garantia, a todos, do acesso contínuo ao espaço comum da vida em sociedade, sociedade essa que deve estar orientada por relações de acolhimento a diversidade humana, da aceitação de diferenças individuais, de esforço coletivo na equiparação de oportunidades de desenvolvimento, com qualidade, em todas as dimensões da vida.” (BRASIL, 2001, p 19)

Esta definição deixa bem claro as intenções da Educação Inclusiva, sendo voltada não somente para pessoas com deficiência, como também superdotados e pessoas com dificuldade de aprendizagem ou interação social.

O processo de inclusão somente ganhou forças nas últimas décadas, principalmente após a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) que afirma: “as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas devem se adequar...”. Passando assim do tradicional modo de segregação chegando aos moldes atuais da Educação Inclusiva.

2.2 Educação Inclusiva no Brasil

Segundo Ferreira (1989), estudar o processo histórico da Educação Inclusiva é uma tarefa complexa devido à escassez de literatura. Contudo iremos trabalhar brevemente para poder aprofundar nos conhecimentos a respeito do stress na Educação Inclusiva.

Segundo Mazzota (1996), um dos grandes primeiros avanços em relação ao ensino incluso no país foi a criação do “Instituto dos Meninos Cegos” em 1854, e do “Instituto dos Surdos-Mudos” em 1857, durante o governo Imperial na cidade do Rio de Janeiro. O autor define: “se constituir em uma medida precária em termos nacionais...” (MAZZOTTA, 1996, p. 29).

No Brasil, o processo de inclusão ainda se encontra em processo de implantação. Apesar de ser garantida por lei, LEI Nº 7.853: “[...] a inclusão, no sistema educacional, da Educação Especial como modalidade educativa que abranja a educação precoce, a pré-escolar, as de 1º e 2º graus, a supletiva, a habilitação e reabilitação profissionais, com currículos, etapas e exigências de diplomação próprios; ” ., ainda existem muitas barreiras que dificultam a efetivação dos projetos pedagógicos voltados para o ensino inclusivo.

2.3 Ocorrência de stress na educação inclusiva

De acordo com Khorol (1975), trabalhando as idéias de Hans Selye, o autor aponta o stress como uma situação biológica de adaptação do ser vivo a modificações que ocorrem ao seu redor, sejam elas benéficas ou maléficas. Outros autores dedicaram-se na definição do termo stress:

“O stress é uma resposta complexa do organismo, que envolve reações físicas, psicológicas, mentais e hormonais frente a qualquer evento que seja interpretado pela pessoa como desafiante. Nosso enfoque é na resposta do organismo a um estímulo mediado pela interpretação que lhe é dado. Esse estímulo, interpretado como desafiador, provoca uma quebra na homeostase do funcionamento interno que, por sua vez, cria uma necessidade de adaptação para preservar o bem-estar e a vida. A necessidade de adaptação exige a emissão de vários comportamentos adaptativos que se constituem na forma como a pessoa lida com o stress, ou seja, suas estratégias, adequadas ou não de enfrentamento.” (LIPP e MALAGRIS, 2001).

Ainda a respeito da definição do termo stress Moreira e Filho (1992 p. 121) afirmam o seguinte: "Termo que compreende um conjunto de reações e estímulos que causam distúrbios no equilíbrio do organismo, frequentemente com efeitos danosos." Desta forma, o stress é uma situação que envolve fatores tanto psicológicos como biológicos, estabelecido pela alteração de um ambiente e que geralmente causa efeitos danosos a vida das pessoas.

Na atualidade, as doenças como depressão, bipolaridade e principalmente stress, tem sido presente na realidade de muitos professores devido as mais variadas condições. Uma destas, pode ser a implementação da Educação Inclusiva nas escolas, fator que pode gerar tanto stress para os alunos como também para o professor regente, que em sala de aula é encarregado de oferecer oportunidades iguais a todos.

O professor cada vez mais tem se ressentido em seu cotidiano profissional. Sentimentos de desilusão e de desencantamento com a profissão, são frequentemente relatados, evidenciando o quanto essa profissão está vulnerável ao estresse. (NAUJORKS 2002). Segundo França e Rodrigues (2002) o stress surge por meio da relação íntima da pessoa com o ambiente e das circunstâncias. Nesse ponto de vista, podemos dizer que o professor está cercado de situações vulneráveis que o levam a sofrer stress elevado por meio do ambiente de trabalho. Para Lipp (2000), essas situações podem colocar o professor em uma situação de desgaste físico e mental, destacando-se a sensibilidade emotiva, o cansaço constante, dentre outros sintomas inerentes ao stress.

O termo *stress* foi empregado no século XVII a partir do estudo que envolvia a Física e depois foi introduzido na Medicina por Selye (1936). Atualmente, qualquer alteração de humor ou comportamento violento como, por exemplo, no trânsito, as pessoas relatam que o motivo foi o famoso stress.

Hans Selye (1936-59) e Naulorks (2002), descreveram a Síndrome de Adaptação Geral (SAG) que corresponde pelos níveis de stress biológicos que são divididos em três fases. A primeira fase é denominada de Reação de Alarme, onde são liberados no organismo vários tipos de hormônios, como a adrenalina, o androsterona, entre outros. A segunda fase, denominada Fase da Resistência, ocorre quando a ação do estressor prolonga-se, exigindo do organismo uma maior adaptação, o que significa grande consumo de energia vital. A terceira denominou-se de Fase da Exaustão, que ocorre quando a ação do estressor permanece por um longo período, esgotando a energia de adaptação do organismo.

Conforme Lipp (2002) é necessário fazer uma distinção entre os estressores externos e internos. Segundo o autor, os estressores externos são os eventos externos ao organismo, que o afetam independente da vontade da pessoa. Os estressores internos são as situações determinadas pelo próprio indivíduo, do seu modo de ver o mundo, suas características pessoais, comportamentos, entre outros.

A escola é considerada como o principal agente no processo de ensino dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais. O professor, nesse contexto, é tradicionalmente reconhecido como facilitador dos processos de aprendizagem, mediando às experiências escolares (RODRIGUEZ; BELLANCA, 2007). Nessa perspectiva, a forma como o ensino inclusivo é imposto nas escolas está sendo considerado como um forte indicador de stress na vida do educador. As condições de trabalhos são consideradas péssimas e a formação insuficiente para incluir os alunos com dificuldade de aprendizagem, entre outras. Mattos (1994) fala que: “às atividades pedagógicas dos professores é permeada por circunstâncias desfavoráveis forçando-os a uma reorganização e improvisação no trabalho prescrito, tornando-lhes o trabalho real totalmente descaracterizado em relação às expectativas”.

Oiticica e Gomes (2004) ressaltam que o estresse do professor está relacionado a inúmeras variáveis vinculadas ao seu trabalho, dentre as quais se destacam: salário não digno, precariedade das condições de trabalho, alto volume de atribuições burocráticas, elevado número de turmas assumidas e de alunos por sala, mau comportamento desses alunos, treinamento inadequado do professor diante das novas situações e emergências da época, etc.

Ao ressaltar que a trajetória da Educação Inclusiva no Brasil primeiramente era apenas assistencial e depois chegou até os âmbitos escolares e no sistema geral de ensino, a mesma foi sendo reforçada com intuito de promover os direitos humanos. As propostas do ensino inclusivo desses alunos é um constante desafio atual na formação dos educadores. Bezerra e

Silva (2012) assinalam que as políticas de inclusão implementadas no Brasil não são suficientes para a realidade que se apresenta. O acesso à escola não pressupõe formação de qualidade, apenas assegura a inserção do aluno.

Kunc (1992) escreveu que: "o princípio fundamental da Educação Inclusiva é a valorização da diversidade e da comunidade humana. Quando a Educação Inclusiva é totalmente abraçada, nós abandonamos a ideia de que as crianças devem se tornar normais para contribuir para o mundo".

No ponto de vista de alguns autores como Glat (1995); Goffredo (1992); Mazzota (1994) a política de integração escolar, na prática, não funciona, porque entre outros fatores, o professor da classe regular não está preparado para receber o aluno com NEE. Portanto, a Educação Inclusiva necessita de mudanças de implementação, de profissionais preparados, para tanto, o Estado tem o dever de promover uma formação específica destes profissionais. Essas mudanças deverão levar em conta o contexto sócio-econômico, além de serem gradativas planejadas e contínuas para garantir uma educação de ótima qualidade (BUENO, 1998).

A resistência dos professores também é um indicador de stress, pois muitos julgam -se incapazes frente ao ensino inclusivo. Esse sentimento se agrava quando o mesmo esquece seu papel ao receber esses alunos, causando mais fracassos, decepções e assim dificultando ainda mais as propostas de inclusão. As falas dos mesmos, por sua vez são carregadas de preconceitos, estigmas e medos.

Segundo Figueira, (1995,) “às vezes, o uso de certos termos, muito difundidos e aparentemente inocentes, reforça preconceitos. Além dessas falas, temos observado o medo da mudança com a certeza do fracasso e medo da diferença onde se sentem ameaçados, que provocam afastamento, o estigma e conseqüentemente o preconceito”. Portanto, são necessárias várias mudanças no sistema, na formação dos educadores e nas escolas.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar e compreender as causas e condições em que se encontra o nível de stress dos professores que atuam no processo de inclusão, mais especificamente dos professores regentes.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar os fatores que colaboram para o stress dos professores regentes que atuam com ensino inclusivo.
- Verificar o nível de stress apresentado pelos professores regentes que atuam com ensino inclusivo.
- Identificar quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelo professor na escola.

4 METODOLOGIA

4.1 Fundamentação Teórica da Metodologia

Esta pesquisa se caracteriza como quali-quantitativa e busca identificar através de pesquisas bibliográficas, observações em sala de aula e questionários, quais são os indicadores do stress daqueles que trabalham com ensino inclusivo. A pesquisa envolve alunos, professores regentes e professores auxiliares. Contudo o foco da pesquisa será apenas o stress apresentado pelos professores regentes, tentando analisar quais fatores contribuem para o stress desde a formação às condições encontradas em sala de aula e em todo ambiente escolar.

Os dados serão obtidos através das observações em sala de aula, sendo que todas as aulas foram registradas em uma caderneta e fotos, além dos dados obtidos dos questionários aplicados aos professores regentes e para comparação, obtidos de livros, artigos e outras publicações que envolvem o tema de stress voltado para Educação Inclusiva. Os dados após serem coletados serão passadas para um computador, onde serão feitas as análises os relacionando.

Gil (1999, p. 128) define questionário como: “a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” O questionário oferece uma gama de benefícios, na medida que pode abranger um maior número de pessoas, reduz gastos, garante o anonimato das respostas e outros. (GIL, 1999, p.128/129). Por estes motivos foi escolhida esta forma de coleta de dados.

4.2 Contexto da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental do município de Cruzeiro do Sul/Acre, na qual foi observado o atendimento a alguns discentes com Necessidades Educacionais Especiais. A escola possui um professor de AEE, que oferece apoio ao processo de inclusão dos discentes com NEE.

As observações de aulas e do ambiente escolar foram realizadas no dia 14 de Outubro de 2015 no período da manhã. E durante os dias 13 de Outubro de 2015 a 16 de Outubro de 2015, foi

realizada a aplicação dos questionários, sendo que alguns professores levaram o questionário para casa e entregaram posteriormente. Enfatizamos que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), (Anexo A) e o Aceite Institucional (Anexo B) foram lidos e preenchidos no primeiro encontro.

4.3 Participantes

São agentes desta pesquisa principalmente os professores regentes, na qual foi observado o quão estressante pode ser trabalhar com a inclusão. Mas para que tenha uma visão mais ampla, contamos com a participação dos alunos através da observação das aulas. Ainda para saber como se trabalham com a orientação destes professores, participaram também o professor de AEE, coordenador pedagógico e coordenador de ensino.

4.4 Materiais

No decorrer da pesquisa foram utilizados os seguintes materiais:

- Notebook, para armazenar as informações.
- Caderneta, para fazer observações no momento.
- Questionários, aplicados aos professores regentes.
- Câmera fotográfica, para o registro de momentos da pesquisa.

4.5 Instrumentos de Construção de Dados

Foi selecionada uma única sala de aula para ser realizada a pesquisa, nela foram realizadas as observações e aplicação de questionário para os professores que atuam nesta. Os dados foram obtidos através das observações realizadas na escola e mais especificamente em sala de aula, através de consultas com coordenadores pedagógicos e de ensino e através do questionário aplicado aos professores (Apêndice A).

4.6 Procedimentos de Construção de Dados

Os dados foram construídos a partir da observação primeiramente do ambiente escolar, na qual foram analisadas as condições de inclusão e que podem gerar conflito. A fim de entender como é o ambiente da sala de aula, foi acompanhado uma aula de cada professor em uma determinada turma, observando a relação professor-aluno no processo de ensino e aprendizagem.

4.7 Procedimentos de Análise de Dados

A análise dos dados será realizada através de um computador, na qual serão armazenados os dados obtidos em campo, tais como observações, relatos e respostas dos questionários aplicados. Em seguida serão formadas tabelas com os dados obtidos dos questionários. E por fim serão comparados os dados obtidos nos questionários e das observações, para então discutir com resultados encontrados da busca artigos, monografias e outras publicações que tenham abordado este tema em outras regiões.

Após a análise de dados verificamos a identificação de alguns padrões que serão apresentados por gráficos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Observações da escola e aulas

A Escola onde foi realizada a pesquisa está repleta de adaptações físicas na estrutura física voltada para a inclusão dos alunos com deficiência, visivelmente pelas rampas na entrada da escola e também a rampa que dá acesso a cantina da escola.

Dentro da escola existe uma sala onde o professor de AEE trabalha, na qual ele está presente durante toda semana, mas ao ser questionado quanto à ajuda na elaboração de atividades o mesmo afirmou não participar da elaboração. O professor de AEE faz atendimento com os alunos no contra turno, mas segundo alguns professores não há avanços dos alunos dentro de sala. Ele participa das reuniões pedagógicas e planejamento, mas dificilmente senta com os professores para socializar ideias e metodologias, sobrecarregando o professor. A sala de recursos é toda equipada, mas não é utilizada.

Os alunos que na sua maioria são carentes, situação essa que contribui para dificultar a aprendizagem. Alguns alunos não apresentam laudo médico que especifique qual deficiência eles apresentam, lembrando que nem sempre a criança vai apresentar somente uma deficiência o que pode comprometer ainda mais o aprendizado das mesmas. Outro fator que foi relatado pelas coordenadoras da escola, que também tem dificultado o trabalho da escola ao incluir os alunos com NEEs, tem sido a ausência da família na escola.

A maioria dos professores não apresentam especialização ou mesmo uma formação voltada para o ensino. A principal queixa dos professores se volta para a falta de formação e de recursos para trabalhar com os alunos com NEEs. Os professores fazem as mesmas atividades para todos os alunos sem nenhuma adequação, a forma de avaliação dos alunos com NEEs ocorre através da participação dos mesmos durante as atividades.

5.2 Resultados dos questionários

Dos entrevistados 10 eram do sexo feminino e apenas 1 era do sexo masculino. A idade variou entre 22 e 43 anos.

O grau de formação fica representado pelo gráfico abaixo:

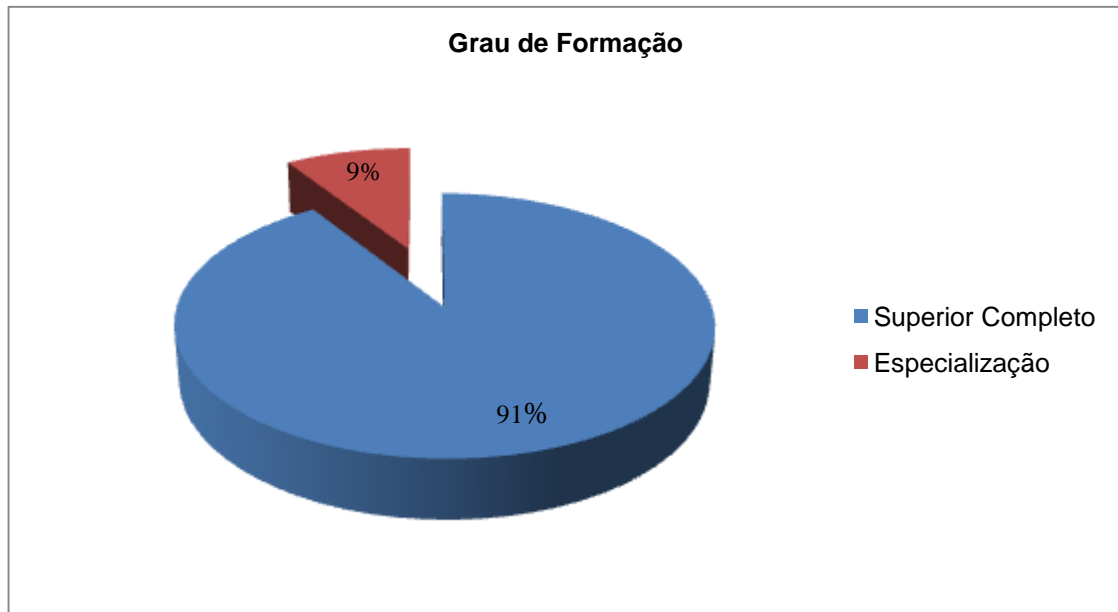


Figura 1: Grau de formação dos professores entrevistados

Sendo que desses 91% que apresentaram nível superior completo temos 4 formadas em História, 1 em Pedagogia, 1 em Ciências Biológicas Licenciatura, 1 em Língua Inglesa, 1 em Língua Portuguesa e duas não especificaram qual graduação possuem.

A carga horária de trabalho dos professores entrevistados varia entre 20 a 40 horas semanais que correspondem a 4 ou 8 horas por dia. Geralmente professores provisórios estão mais envolvidos com cargas horárias maiores devido aos benefícios que ganham ser inferior aos demais. Segundo Decenzo e Robbins (2001) existem fatores organizacionais que são divididos em cinco categorias e umas delas inclui os fatores de exigências de tarefas, onde este encontra-se ligado diretamente a carga horária excessiva que pode influenciar no aumento do cansaço e no nível de stress apresentado pelo profissional em sua rotina de trabalho.

O tempo de atuação na docência também variou, sendo o máximo 10 anos de experiência e o mínimo 1 ano. Dois dos professores entrevistados estavam no seu primeiro

ano de experiência, não só com alunos com NEEs, mas também atuando como docentes. Maslach, Schaufeli e Leiter (2001) apontam a Síndrome de Burnout como resultado do stress ocupacional crônico e que acomete principalmente os profissionais em início de carreira. Chace (2000), Souza e Silva (2002) confirmam este fator, apontando que os trabalhadores em início de carreira são acometidos por estarem na fase de maior idealismo e esperança. O fato de serem inexperientes contribui para se tornarem alvos do stress.

A primeira pergunta aberta do questionário abordava a rotina do professor na turma e dentro da escola. O que se manteve contante nas respostas, foi o momento de oração como parte do cotidiano escolar e também por parte de alguns professores o uso de textos reflexivos. O que mostra a tentativa de manter um ambiente bastante harmônico, usando atividades voltadas para acalmar os alunos.

A segunda questão está voltada para o planejamento das aulas, se era feita em conjunto ou individualmente, representado no gráfico a seguir.

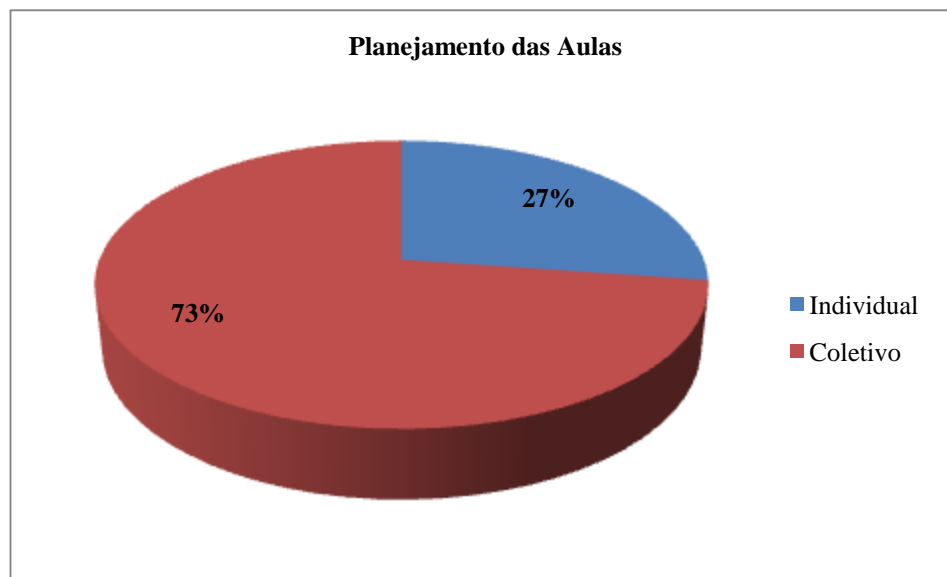


Figura 2: Forma de planejamento das aulas

Segundo as orientações da coordenadora pedagógica, os planejamentos devem ser feitos em conjunto com professores da mesma disciplina para que possam compartilhar suas experiências. Há a possibilidade de um professor dar a mesma disciplina em todas as turmas e desta forma ele fica responsável sozinho pelo planejamento, o que é muito raro. O planejamento em conjunto em uma escola onde há um número grande de alunos com NEEs é

importante no compartilhamento de experiências vividas em sala, metodologia utilizada que surtiram ou não efeito, e até relatos dos avanços dos alunos com NEEs.

Todos os professores trabalhavam com alunos do ensino fundamental de 6º ao 9º ano, onde a idade dos alunos varia entre 11 e 16 anos. Um destes professores trabalha apenas com 8º e 9º ano, a faixa de idade varia entre 13 e 16 anos. A quantidade de alunos em sala de aula, segundo os professores varia de 14 a 33 alunos por sala. De acordo com um professor a quantidade de alunos no total e a presença de alunos com NEEs estão relacionadas: “Depende da turma, pois naquelas que possuem alunos com NEEs, temos uma quantidade menor. Varia de 20 a 25 alunos.”

A próxima questão perguntava a quantidade de alunos com NEEs com que esses professores trabalharam, e variou entre 1 e 6 alunos por cada professor. Portanto, todos professores entrevistados tinham contato com pelo menos um aluno com NEEs. Foram identificados 6 alunos no total, sendo que no 6º ano há 4 alunos, no 7º há um aluno e 8º há outro.

A respeito da experiência com alunos com NEEs, 8 afirmaram já ter alguma experiência e 2 afirmaram ser o primeiro ano de experiência sendo que uma delas alegou: “Esta é minha primeira experiência com alunos com NEEs, pois este é o primeiro ano que trabalho na área educacional.” Uma resposta que chamou atenção foi a seguinte: “Tenho pouca experiência com alunos especiais. Mas, aprendemos muito com eles e para eles.” Deixando claro a dedicação da professora ao se preparar para as aulas e também admitindo que durante o processo de ensino quando tem contato com a criança com NEE ela ganha experiência para situações futuras.

Finalizando as respostas sobre experiências com alunos com NEEs destacamos esta: “Não tenho muita experiência, mas com a ajuda de coordenadores da instituição escolar, e até mesmo professoras AEE que são formadas na área e fazem um trabalho legal.” A inexperiência é algo inevitável, principalmente para professores novatos e também porque as deficiências podem variar, e de forma alguma serão tratadas da mesma maneira, mas a solução é buscar ajuda nas estratégias possíveis almejando sempre melhorar.

Quando foram questionados se os professores se sentiam aptos a trabalhar com alunos com NEEs, as respostas variaram negativa e positivamente. Sendo as respostas mais expressivas “Totalmente não”, “Sinceramente não” e “Apto não! Até porque não sou formada

na área, mas com a ajuda do corpo docente da escola procuro fazer um trabalho bom e procurar informações para que eu possa me aperfeiçoar ainda mais, porque não é fácil”. Esse relato mostra a dificuldade encontrada por estes professores ao trabalhar com alunos com NEEs.

Entretanto, houve respostas positivas como, por exemplo: “Sim. Quando há um trabalho em equipe na escola, as dificuldades são superadas facilmente. No entanto é necessário um retorno por parte da família que é o grande alicerce. ”. Em todas as respostas em que os professores se sentiam confiantes na atuação com alunos com NEEs, apresentavam uma justificativa baseada no apoio da comunidade escolar e por vezes os pais também. Outra resposta que chamou atenção foi a seguinte: “ Sim, no entanto precisamos estar sempre nos atualizando e buscando novos métodos. ” Essa situação nos leva a refletir sobre o fato a responsabilidade estar voltada tanto para escola, para os pais, como também para o próprio docente que não mede esforços para estar atualizado e sempre tentando novas formas de trabalhar com alunos com NEEs.

A seguir foi perguntado se os professores sentiam dificuldades com os alunos, obtendo respostas como sim e não, e duas respostas na qual os professores afirmavam que esta dificuldade poderia ocorrer ou não dependendo de fatores externos a eles, na qual classificamos aqui como parcialmente.

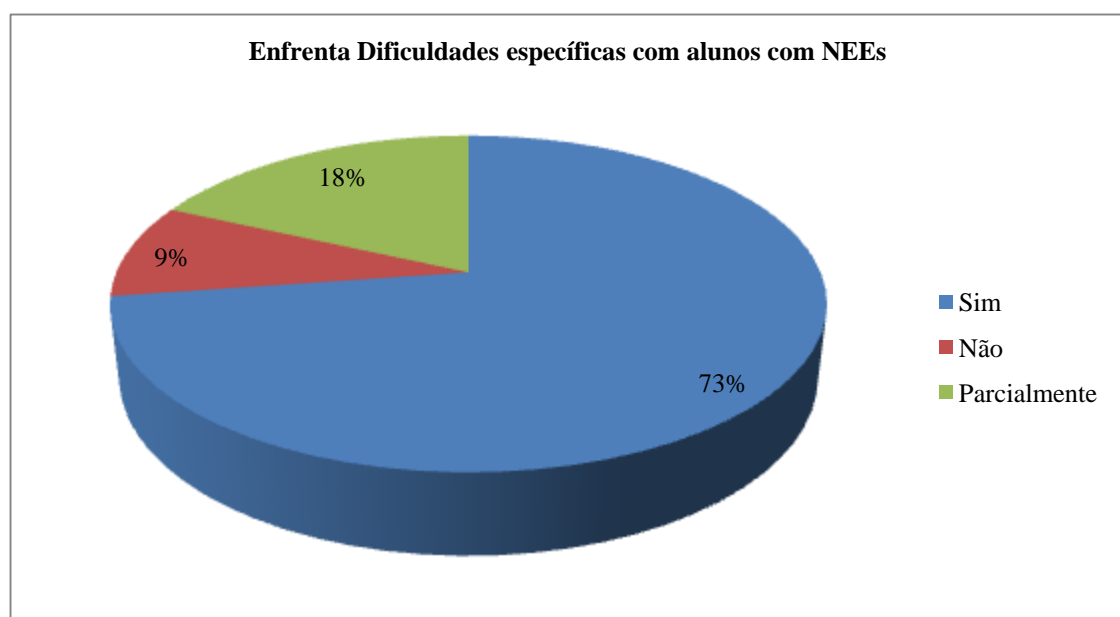


Figura 3: Dificuldade em trabalhar com alunos com NEEs

Como representado no gráfico apenas um professor afirmou não sentir dificuldade ao trabalhar com alunos com NEEs, sendo que sua justificativa foi a seguinte: “Não. Pois tento trabalhar ensinando coisas mais simples para assim irmos avançando. ” Os que declararam parcialmente suas dificuldades, estas estão relacionadas com fatores externos tais como colaboração ou formação. Sendo representadas pelas seguintes respostas: “Dificuldade totalmente não, mas tenho sim, até porque não sou formada na área. ” E “Apenas quando não há colaboração por parte da família. Compromisso com o aprendizado, apoio de um profissional capacitado para agilizar a sala de aula. ”

Dos que afirmaram sentir dificuldade, podemos classificar aqueles que afirmaram ter dificuldade na realização de atividades, na parte de comunicação com os alunos e também no controle dos mesmos durante as aulas. Apenas uma relatou ter dificuldade com desenvolvimento do aluno: “Sim. Várias: metodologias diferenciadas, maneiras de observar seu progresso, rendimento, habilidade desenvolvida e até mesmo a compreensão deles”.

Outra resposta que se destacou volta-se para a formação: “Apesar de trabalhar com esses alunos em sala de aula, a experiência não é muita, porque, não temos um curso ou formação voltada para essa área”. Deixando clara a insatisfação da professora quanto a falta de preparo durante sua formação para esta área. Ao mesmo tempo em que há o despreparo outros estão buscando sempre aperfeiçoar mais sua formação: “ Já trabalhei com alunos especiais e também tenho especialização nessa área. ” ou ainda: “ Avalio como satisfatória, pois a busca pelo saber deve ser constante. ” Malagris (2002), afirma que mesmo com uma formação que prepare bem o professor para estes desafios, alguns podem ainda apresentar dificuldades, ou seja, a falta de uma especialização ou formação adequada não é responsável por todo o stress gerado no professor ou mesmo não seria a solução do problema.

A última questão dissertativa aborda quais dificuldades os professores encontram no dia a dia da escola. Alguns professores relataram mais de um problema enfrentado por eles, então foi elaborado um gráfico de coluna representando a quantidade de vezes que um problema foi citado por um dos professores.

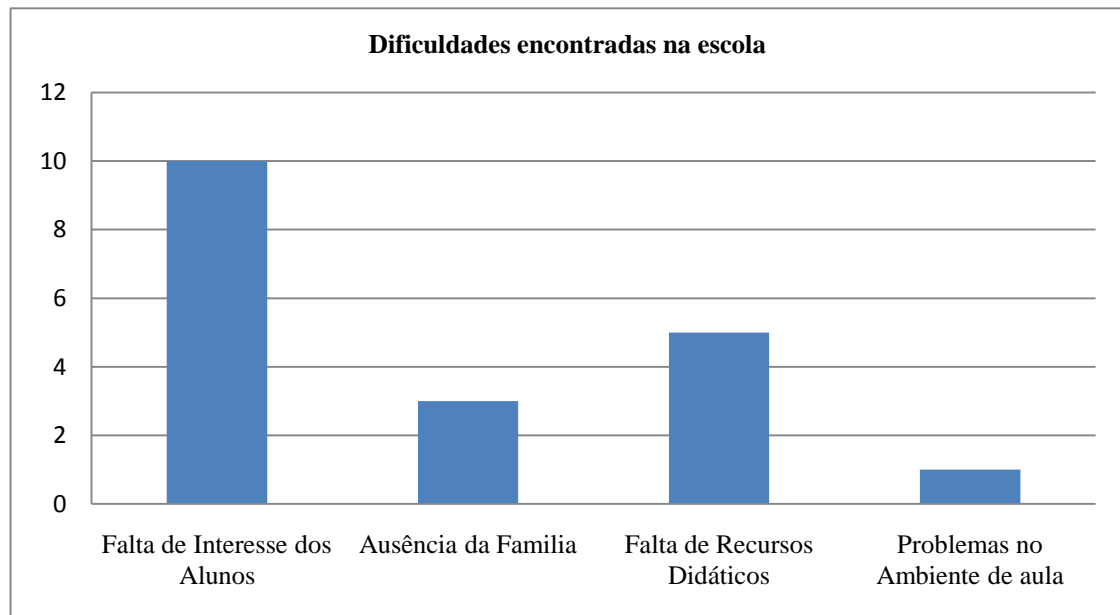


Figura 4: Dificuldades relatadas pelos professores

Como as dificuldades mais citadas pelos professores regentes: a falta de interesse dos alunos sendo citado por 10 dos 11 professores entrevistados; em seguida a falta de recursos didáticos sendo citado por 5 dos 11 professores; a ausência da família na participação escolar sendo citado por 5 professores; problemas no ambiente de sala de aula, como por exemplo o calor citado por apenas uma professora. Segundo Codo (1999), os professores geralmente trabalham com recursos escassos e condições precárias, e que a força empenhada no trabalho gera um desgaste emocional devido ao empenho em gerar bons resultados, mesmo estando em péssimas condições.

Quanto ao afastamento de sala de aula, sem levar em consideração os motivos que fizeram com que o professor se afastasse obtivemos o seguinte resultado:



Figura 5: Afastamento, por motivo qualquer, de sala de aula

Também foi perguntado se algum destes professores há havia requisitado a ajuda de um psicólogo e o resultado está visível no gráfico abaixo, com apenas um dos entrevistados tendo respondido que sim.

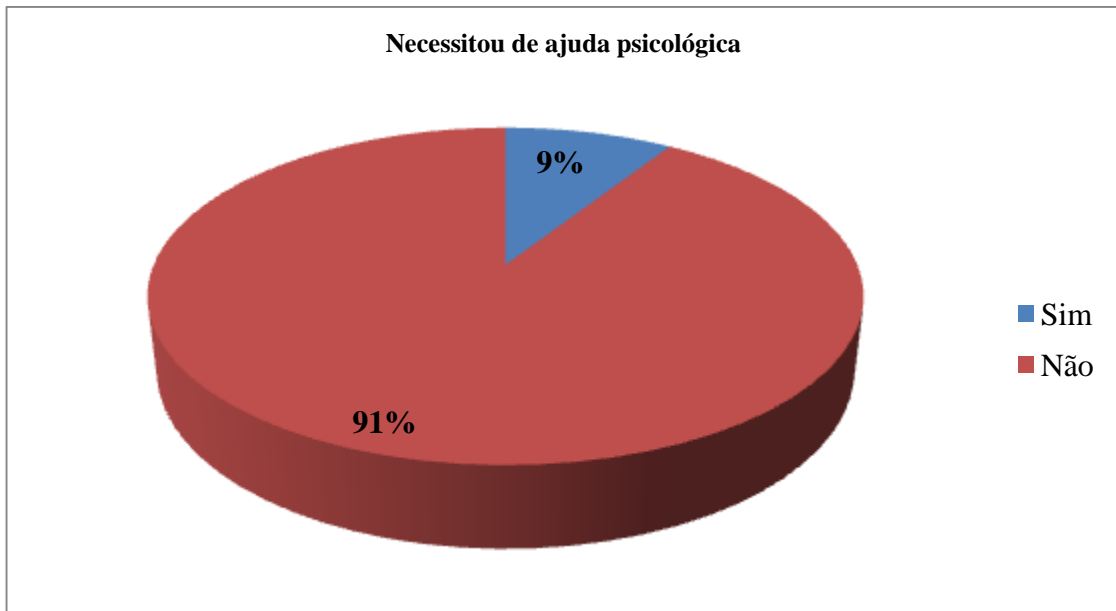


Figura 6: Professores que necessitaram de ajuda psicológica

Foi questionado quantos entraram com licença médica e dos onze entrevistados, dois entraram com licença médica sendo que um foi por motivo de gravidez (licença maternidade).

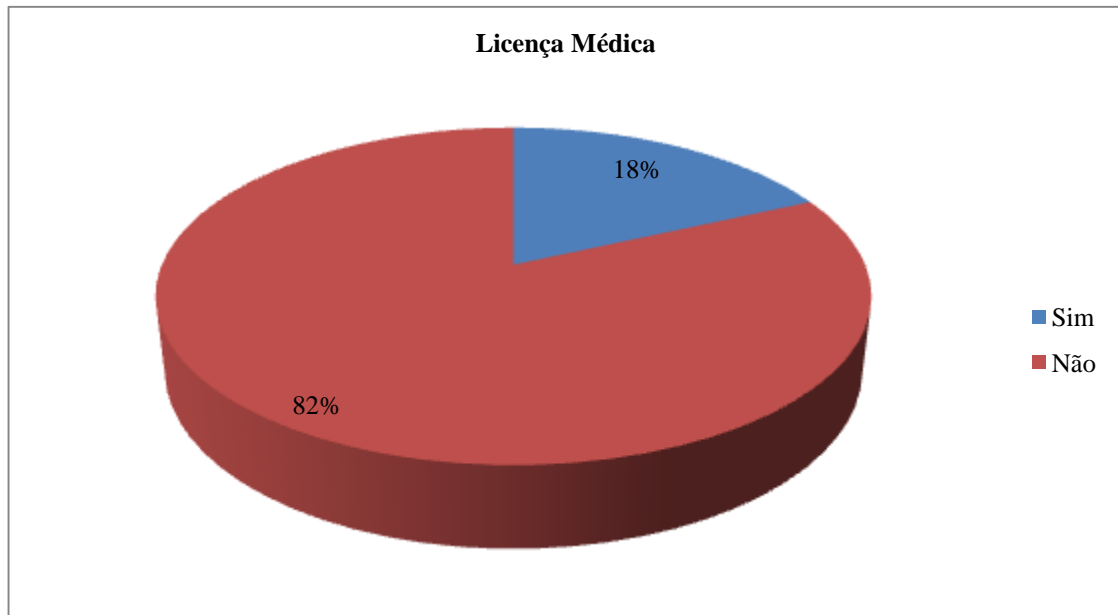


Figura 7: Professores que entraram com licença médica

Com índices preocupantes, com mais da metade dos professores apresentam nervosismo ou estresse no trabalho, temos no gráfico a seguir:

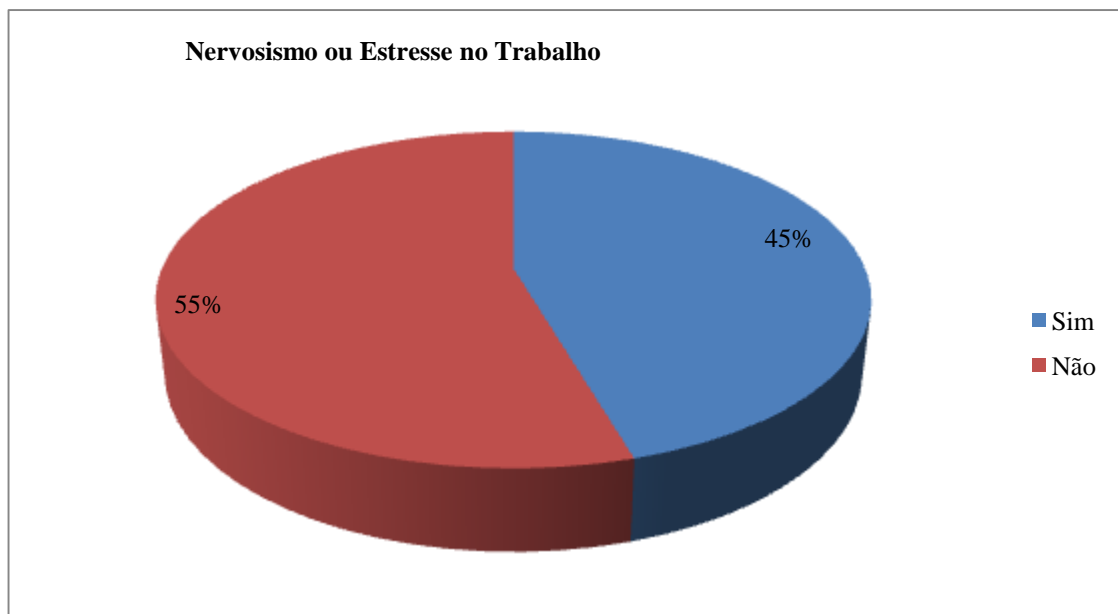


Figura 8: Professores que apresentam nervosismo ou estresse no trabalho

Segundo Lipp (1996), existem dois tipos de estressores que são internos e externos. Os estressores internos estão diretamente ligados ao profissional, ou seja, sua personalidade e a forma de reagir às situações. Enquanto que os estressores externos seriam todos aqueles que não estão relacionados com o profissional, como por exemplo, falta de recursos, falta de

interesse dos alunos ou ainda problemas com o ambiente de aula que serão discutidos a seguir.

Se compararmos o gráfico da Figura 8 com o gráfico da figura a seguir, podemos afirmar que neste caso a pressão no trabalho não é um dos indicativos que levam ao estresse ou nervosismo no trabalho, sendo que apenas um entrevistado afirmou se sentir pressionado.

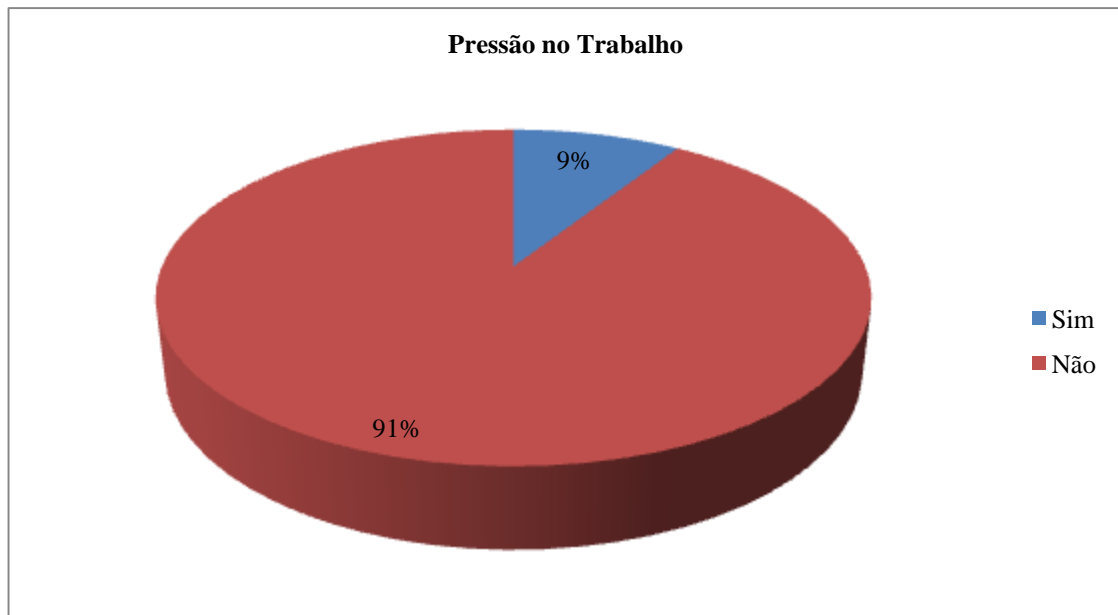


Figura 9: Professores que se sentem pressionados no trabalho

A sexta pergunta visava analisar se havia algo no ambiente de trabalho que incomodava o docente, representado pelo gráfico a seguir:

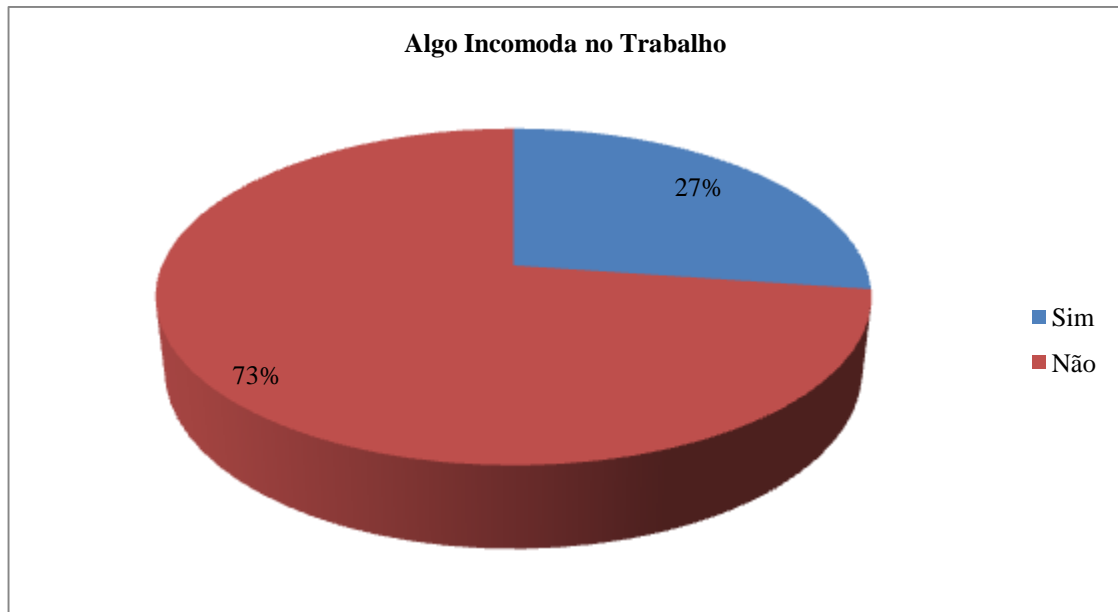


Figura 10: Professores que se sentem incomodados no trabalho

Dos que responderam incomodados com algo obtivemos as seguintes respostas: “Inércia da Gestão”, “As vezes não saber lidar com os alunos especiais. Por não ter habilidades para somar no aprendizado desses alunos. ” E o “desânimo por parte de alguns alunos”. Havendo três pontos diferentes a serem discutidos, inicialmente o fator essencial que é o que determina o caminho e o sucesso de uma escola, a sua gestão. Sem uma boa gestão o trabalho dos professores pode ficar desorientado e desta forma perde eficiência. Outra resposta aborda algo bem comum no cotidiano do professor, que é o não saber como lidar com os alunos com NEEs. E a ultima resposta não específica, mas que de qualquer forma pode influenciar o trabalho do docente, que é o desânimo dos alunos.

Um fator muito importante dentro de qualquer área profissional é ter mérito por seu trabalho e esforço, sendo assim foi perguntando se os professores se sentem valorizados dentro do ambiente de trabalho e os resultados foram positivos, apontando para profissionais que sentem seu trabalho reconhecido:

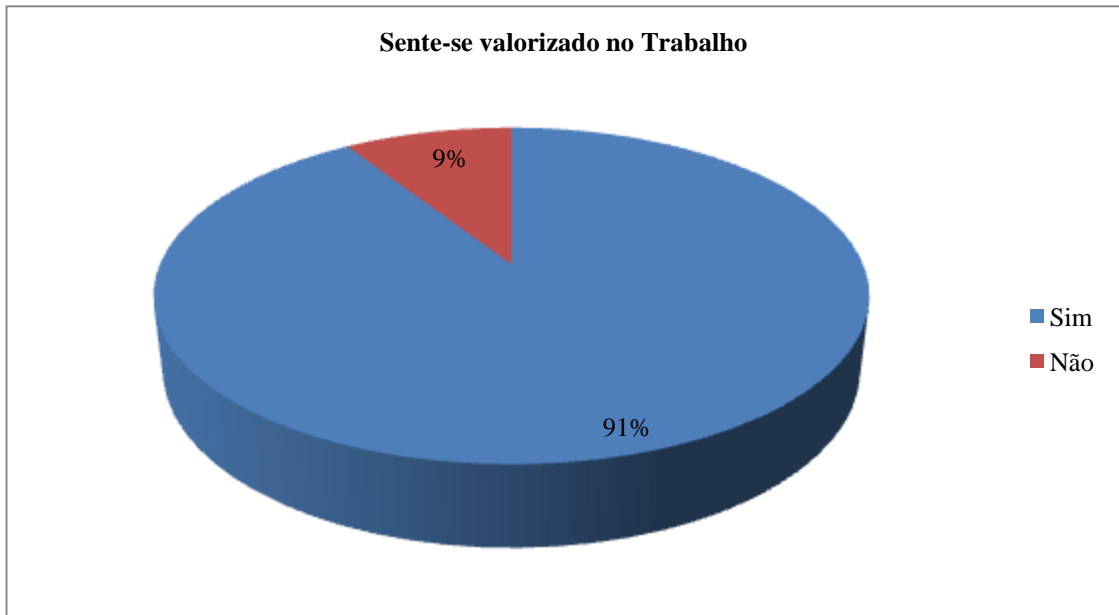


Figura 11: Professores que se sentem valorizados no trabalho

Por vezes a comunicação pode se tornar um fator bastante delicado, ser ouvido ou não conseguir ouvir a opinião, dicas ou conselhos dos colegas ou ainda com superiores, pode se tornar um fator de estresse caso essa comunicação seja falha. Foi perguntado se a comunicação no ambiente era efetiva e as respostas foram:

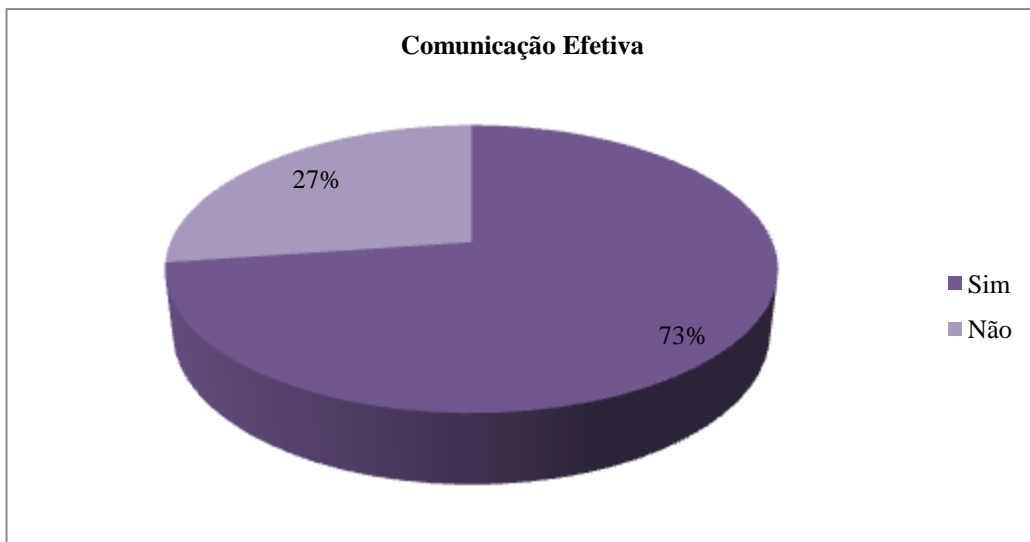


Figura 12: Comunicação efetiva entre os professores

Ainda voltado para a relação entre os profissionais, mas agora visando as relações entre eles, foi perguntado se as relações interpessoais eram satisfatórias, obtivemos o seguinte resultado:

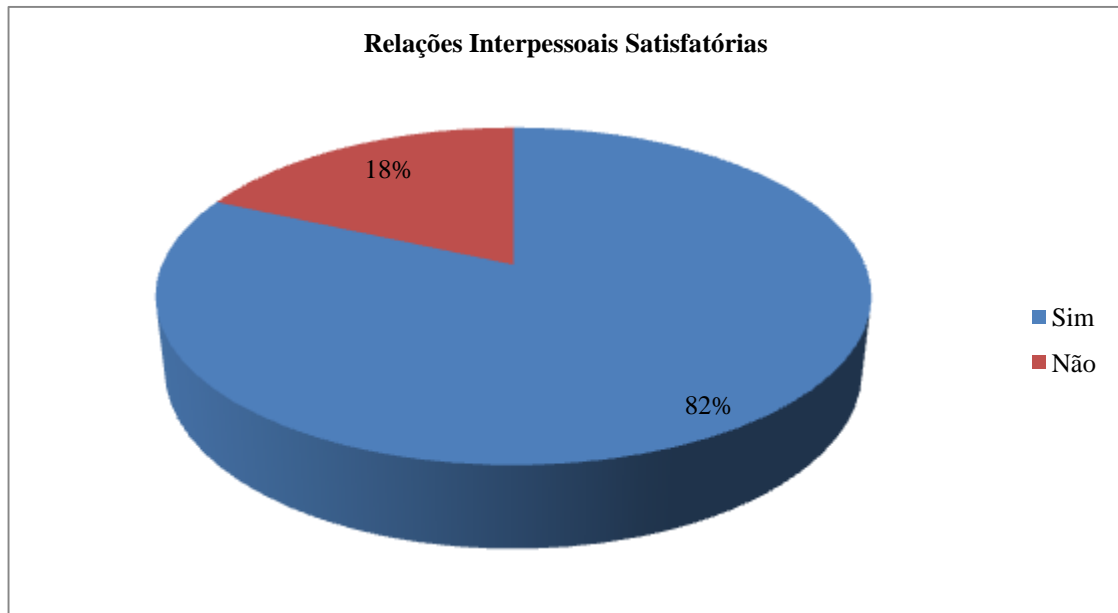


Figura 13: Relações interpessoais satisfatórias

Saindo das relações pessoais para às perspectivas no trabalho, três perguntas foram agrupadas no gráfico de colunas a seguir:

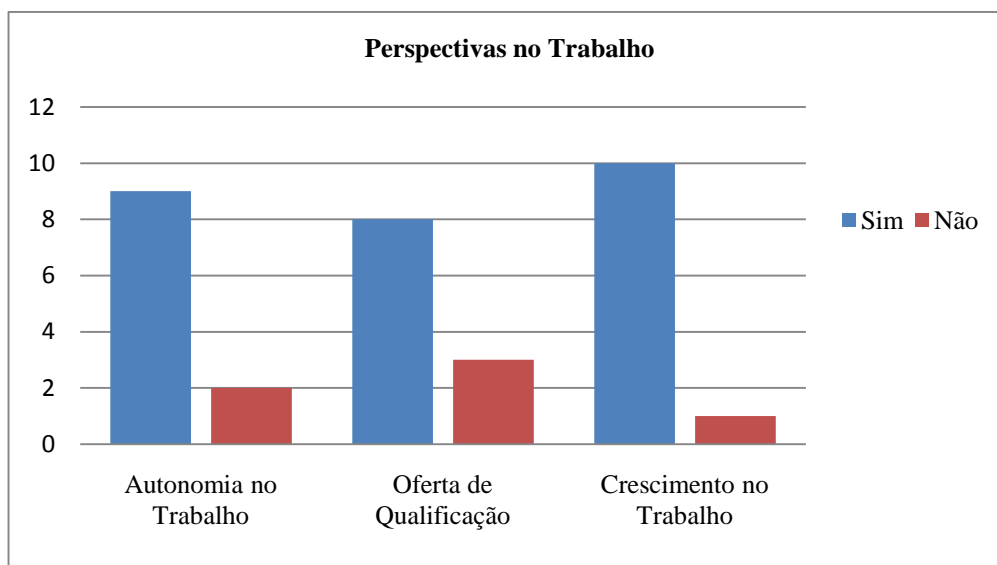


Figura 14: Perspectivas dos professores quanto o trabalho deles

Podemos observar que três fatores diretamente ligados tiveram resultados muito próximos e que de certa forma contribuem para um melhor trabalho do docente, sendo menos desgastante e estressante. Se um professor tem a seu dispor oferta de qualificação provavelmente suas perspectivas de crescimento dentro do trabalho só aumentam, e somado a este fator, se tiver autonomia no trabalho o seu crescimento é mais favorecido.

Dentro do ambiente profissional, a competição geralmente não gera fatores positivos, desta forma foi investigada a opinião dos professores quanto ao excesso de competição, que está representado no gráfico a seguir:

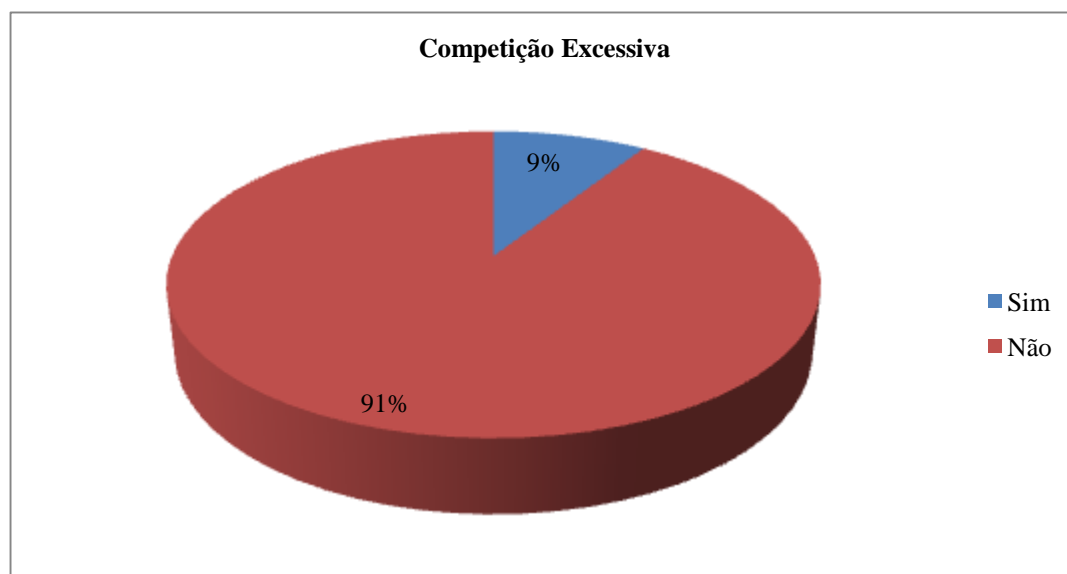


Figura 15: Competição excessiva entre os professores

Como foi questionado anteriormente sobre a carga horária de trabalho destes profissionais, desta vez foi perguntado se os mesmos acham a quantidade de horas trabalhadas excessivas, que foi representado no gráfico a seguir. Lembrando que a carga horária variou entre 20 e 40 horas semanais.

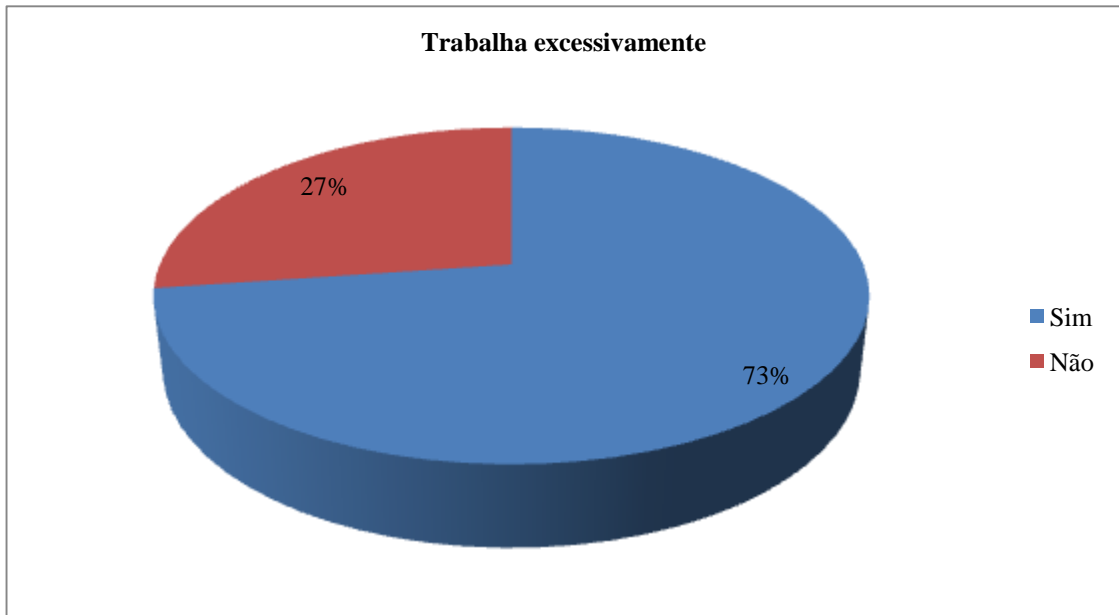


Figura 16: Trabalho excessivo entre os professores

Dentro das perguntas objetivas foram identificados quatro fatores que apresentam os mesmos resultados e que podem indicar algum indício de stress para estes professores. As perguntas foram agrupadas no gráfico de colunas a seguir, envolvendo as seguintes perguntas a respeito de dificuldade no sono, falta de apetite, falta de motivação e se os episódios de irritabilidade são constantes.

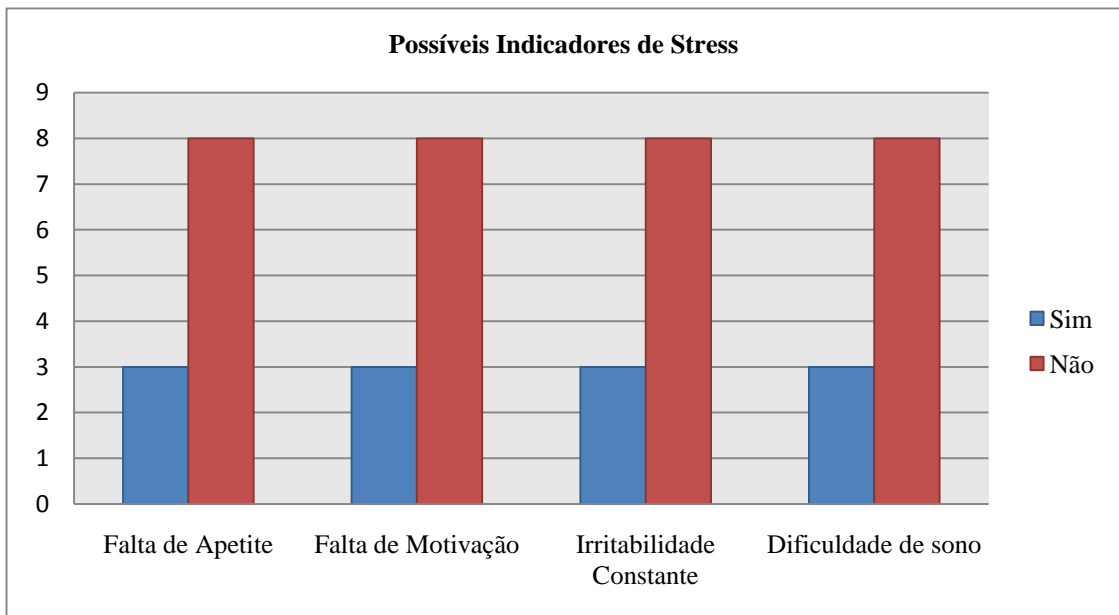


Figura 17: Indicadores de stress apresentados pelos professores

Ainda relacionado a estes fatores temos uma característica incomum a um profissional saudável, que é a tontura que também apresentou um resultado significativo. Um dado preocupante, pois tontura pode ser um sinal de alerta para doenças muito graves e que constantemente afetam a classe dos professores.

:

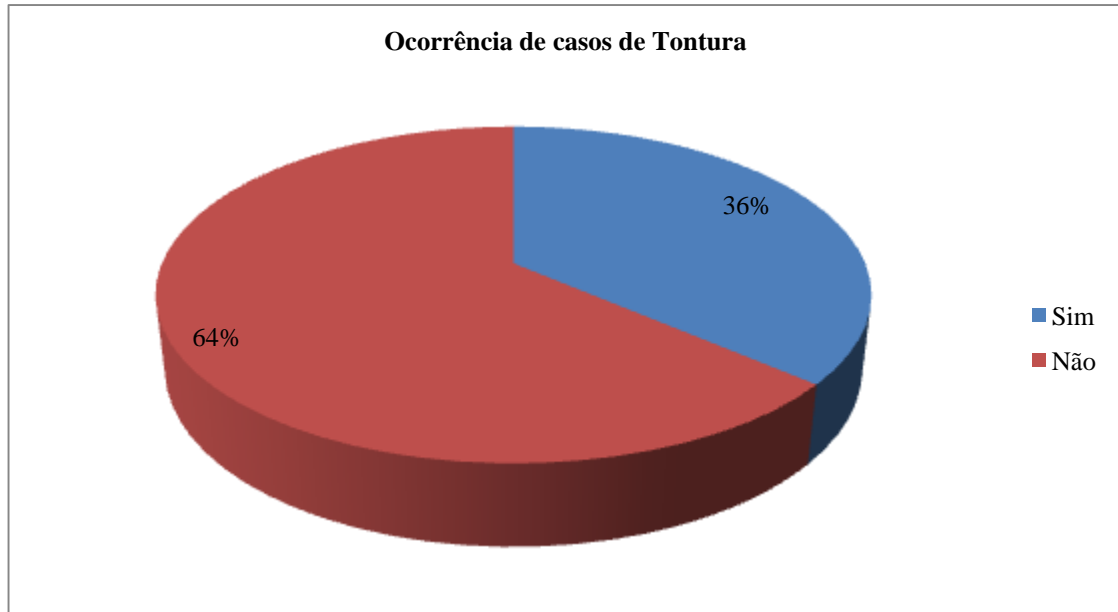


Figura 18: Ocorrência de tontura entre os professores

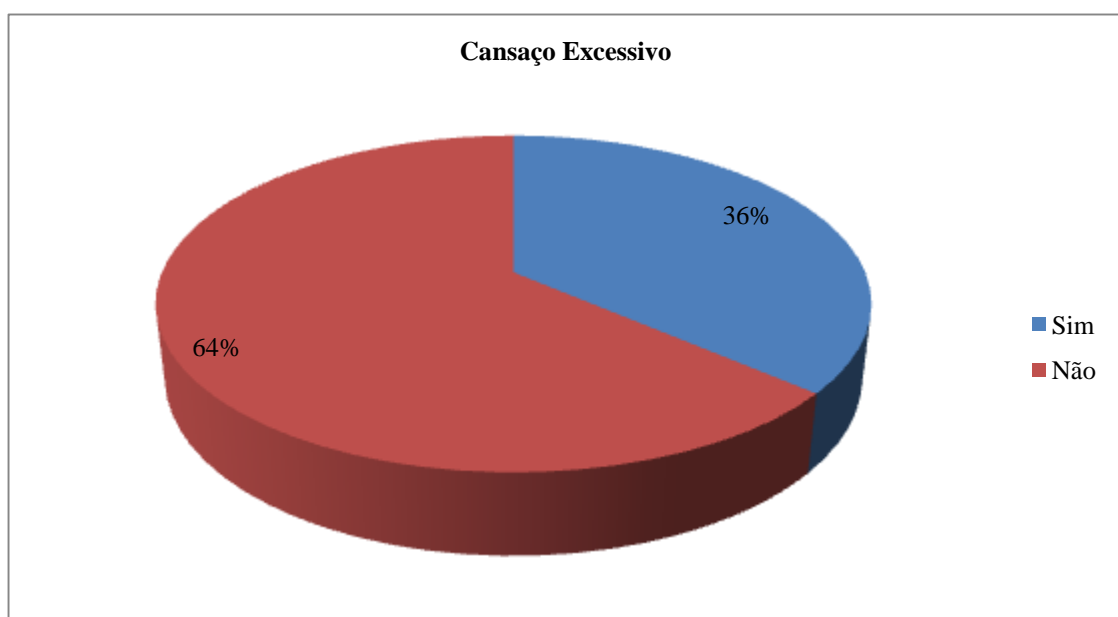


Figura 19: Cansaço excessivo apresentado pelos professores

O gráfico abaixo representa os resultados obtidos da pergunta sobre ter ou não humor deficitário:

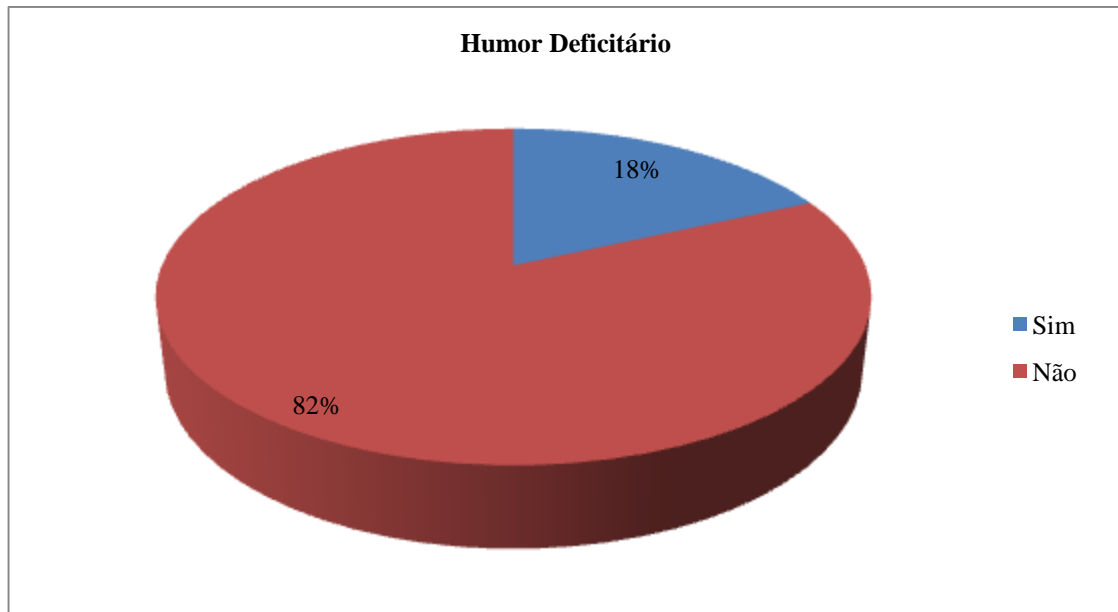


Figura 20: Humor deficitário

Por ser um profissional que lida com um público heterogêneo e por vezes em grande número, a qualidade de atuação do professor se torna muito dependente do seu humor. Portanto, se torna um fator de grande interesse quando se quer observar o stress apresentado por eles, na qual 82% afirmaram não ter um humor deficitário, mas ainda assim é um número preocupante.

Estar em sala de aula com uma quantidade de alunos que pode passar de 30 como foi visto na escola, expressa a habilidade que o professor necessita ter para poder desempenhar seu papel com eficiência, contudo, há casos que este professor recebe auxílio de monitoria e que ajuda a amenizar a situação. Para o próximo gráfico, temos informações da presença ou não de monitores em sala de aula.

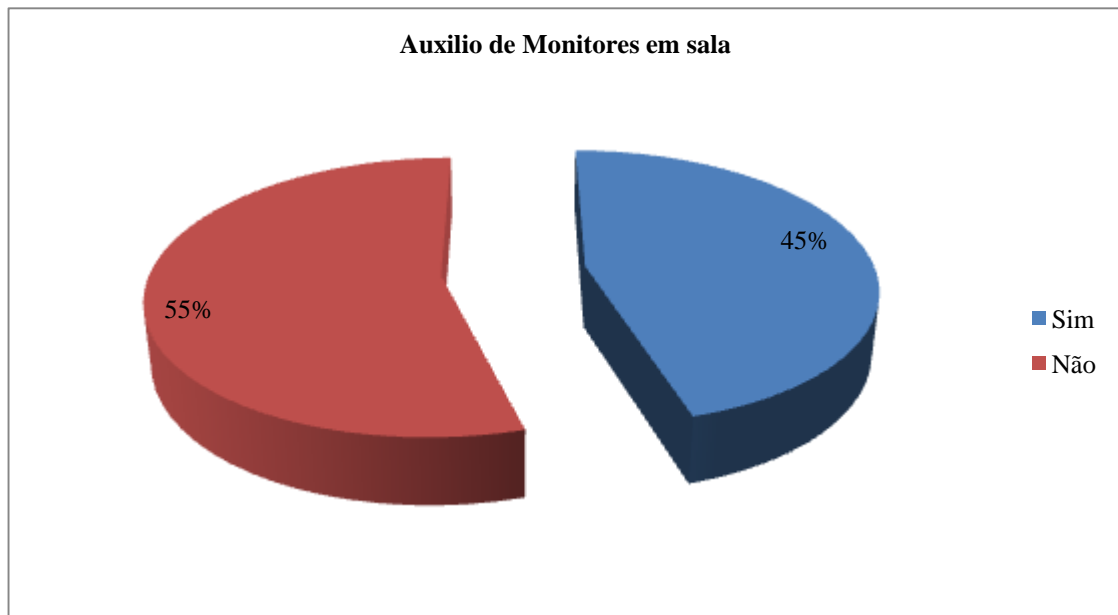


Figura 21: Presença de monitores em sala de aula

Segundo Farias (2003), a monitoria produz vários benefícios para os envolvidos, aumentando o nível de aprendizagem apresentado pelos alunos, podendo ainda tirar dúvidas, contribuindo para minimizar o número de alunos que reprovam ou evadem. Além disso podemos contar como sendo um facilitador para o professor em sala de aula, que poderá exercer com maior efetividade seu papel.

Quando foi questionado quanto a existência de uma sala de recursos todos os professores confirmaram a existência dela.

Foi perguntado sobre as aulas dadas no contra turno oferecido para os alunos com NEEs, representado no gráfico abaixo:

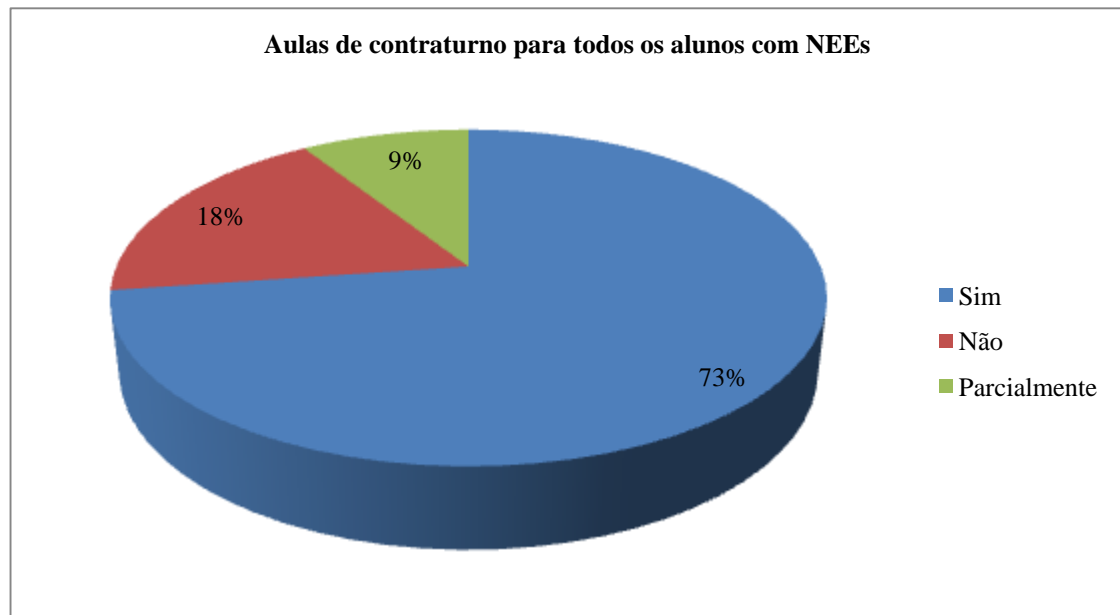


Figura 22: Aula no contra turno para alunos com NEEs.

Apenas uma professora respondeu parcialmente, colocando ao lado da resposta que apenas alguns recebiam este atendimento. Servindo como uma importante ferramenta no processo de ensino aprendizagem de alunos com NEEs, as aulas no contra turno são oferecidas pelo professor especializado, que vai trabalhar atividades desenvolvidas especificamente para aquele aluno de acordo com suas habilidades e potencialidades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo encontrar os principais indicadores de stress nos professores que trabalham com inclusão, utilizando-se de observações no ambiente escolar e também de questionários que abordaram possíveis indicadores de stress.

Dentre os vários fatores que podem estar envolvidos no stress de professores que trabalham com ensino inclusivo podemos destacar fatores como a formação acadêmica, especializações, apoio pedagógico, apoio familiar, recursos didáticos e outros mais; ou ainda podemos apontar fatores relacionados ao cotidiano de qualquer professor, tais como ambiente escolar, carga horária excessiva, relações interpessoais e perspectivas no trabalho e outros.

De acordo com os questionários 27 % dos professores apresentaram sintomas que indicam stress, tais como dificuldade de sono e falta de apetite. Sendo que 61% dos professores afirmaram sentir-se nervoso ou estressado durante o seu trabalho, o que indica um alto nível de stress dentro da escola. E como causa deste stress, os questionários apontam que os pontos mais relatados pelos professores são os problemas como, falta de interesse dos alunos, falta de recursos didáticos e seguido por outro fator também muito importante a participação insatisfatória dos pais na vida escolar dos alunos que torna a dificultar o processo de ensino-aprendizagem que por sua vez sobrecarrega os professores.

Podemos citar como o maior problema encontrado o desinteresse dos alunos de uma forma geral que dificulta o trabalho dos professores, sendo citado por 10 dos 11 professores entrevistados. Um dos problemas da educação inclusiva, e que pode trazer consequências negativas para o processo de ensino aprendizagem destes alunos, quando se tem uma sala de aula onde o professor sente dificuldades para incentivar e manter a atenção dos seus alunos.

Como foi visto na escola em estudo o stress é sim presente no ensino inclusivo, gerado não por fatores ligados a Educação Inclusiva, mas sim de fatores da qual a educação em si depende para funcionar em qualquer situação desde comprometimento dos alunos e pais à disposição de recursos didáticos que auxiliem este processo. Deixando então uma reflexão para que os professores, coordenadores e gestores busquem meios de adequar o trabalho na educação para que se torne menos desgastante e conseqüentemente menos estressante.

Não se pode negar os avanços pelo qual a educação inclusiva tem passado no decorrer da história, e também não podemos negar que as condições de trabalho na educação têm melhorado no decorrer do tempo devido as inovações tecnológicas, mas ao mesmo tempo ainda existem vários fatores que dificultam o processo de ensino aprendizagem e que vem a tornar a vida do professor mais cansativa e desgastante, tornando-se um ciclo que cada vez

mais pode ocasionar prejuízos à educação seja inclusiva ou não.

Cabe ao professor estar responsável por sua saúde e seu desempenho no trabalho, ficar atento as principais barreiras e dificuldades na qual enfrenta para poder superá-las. Seguido por direção e coordenadores que devem estar em alerta para as condições oferecidas pelas escolas. Ainda não esquecendo que pais e alunos conscientes tem papel muito importante, contribuindo assim para que o nível de stress na educação seja reduzido.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Básica/ Secretaria de Educação Especial**- MEC; SEESP, 2001.
- CARDOSO, M. C. de F. **Integração educacional e comunitária**. Revista Brasileira de Educação especial Revista Brasileira de Educação especial. Revista Brasileira de Educação especial São Paulo, v.1, n. 1. p. 89- 99, 1992.
- CODO, W (coord.). **Educação: carinho e trabalho**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- FERREIRA, J. R. **A construção escolar da deficiência mental**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.
- FARIA, J. P. **A monitoria como prática colaborativa na universidade**. Dissertação de Mestrado. LAEL-PUCSP, São Paulo, 2003.
- FRANÇA, A. C. L., Rodrigues, A. L (1999). **Stress e Trabalho: uma abordagem psicossomática**. São Paulo (SP): Atlas.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. Projetos de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- KHOROL, Ivan S. **Stress: as tensões e os desgastes da vida moderna**. In: O Correio da Unesco, Ed.brasileira. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, ano 3, no.12, dez.1975, p.4-9
- LIPP, M. (2002) **O stress do professor**. São Paulo: Papirus
- LIPP, M. (1996) **Pesquisa sobre stress no Brasil**. São Paulo: Papirus
- LIPP, M. E. N. e MALAGRIS, L. E. N. **O stress emocional e seu tratamento**. In: Rangé, Bernard Psicoterapias cognitivo-comportamentais, Artmed, São Paulo, 2001.
- MALAGRIS, L. (2002) **O professor, o aluno com distúrbios de conduta e o stress**. IN Lipp, M. O stress do professor. São Paulo: Papirus.
- MARTINS, Maria das Graças Teles. **Sintomas de Stress em professores Brasileiros**. Revista Lusófona de Educação.10,2007.
- MATTOS, M. G. (1994) **Vida no trabalho e sofrimento mental do professor de Educação Física da escola municipal: implicações de seu desempenho e na sua vida pessoal**. São Paulo, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. Tese de Doutorado.
- MAZZOTTA, M. J. S. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1996.
- MERRIAM, S.B. **Qualitative research in practice: examples for discussion and analysis**. San Francisco: Jossey-Bass, 2002.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?** In: Caderno de Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz. Rio de Janeiro: Fiocruz, jul/set 1993.

MOREIRA, M. D. & Mello Filho, J. de. (1992). **Psicoimunologia hoje**. in: Mello Filho, j. de. (org.). *Psicossomática hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, p.119-51.

NAUJORKS, Maria Inês. **Stress e Inclusão: indicadores de stress em professores frente a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais**. Cadernos: edição: 2002 - N° 20

OITICICA, M.L.G.R.; GOMES, M.L.B. **O estresse do professor acentuado pela precariedade das condições acústicas das salas de aula**. XXIV Encontro Nacional de Engenharia de Produção. Florianópolis, 03 a 05 de nov de 2004.

REINHOLD, H. D (2002). O Burnout. In: LIPO, M. N. Org. **O Stress do Professor**. Campinas (SP): Papirus.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SELYE, H. Stress. **A Tensão da vida**. São Paulo: Ibrasa, 1965.

BATISTUCCI, Fabiana de Lima. **Stress, Qualidade de Vida, Prazer e Sofrimento no Trabalho de Call Center, 2004**.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais**. Brasília: CORDE, 1994.

<http://www.pedagogobrasil.com.br/educacaoespecial/inclusaoescolar.htm>. Acesso em 21/02/15.

<http://www.partes.com.br/educacao/pedagogiaediferenca.asp>. Acesso em 21/02/15.

APÊNDICES

Apêndice A: Questionário

I. Dados de identificação do professor:

Sexo: _____ Idade: _____
 Formação: _____ Cargo: _____
 Tempo de trabalho na área de docência em anos?
 Carga horária de trabalho diária:

II. Questões relativas à prática pedagógica da escola e do professor:

1. Descreva a rotina da sua turma? E da escola? (Explorar o conjunto de atividades que normalmente acontecem no dia-a-dia da turma/escola.)
2. Como você planeja as atividades que serão desenvolvidas com seus alunos? Sozinho? Junto com outros professores e/ou coordenadores?
3. Com qual turma você costuma trabalhar? (Especificar a idade ou série dos alunos com os quais costuma trabalhar.)
4. Qual a quantidade de alunos em sala de aula?
5. Qual a quantidade de alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEEs)?
6. Qual a sua experiência com alunos com NEEs?
7. Você se sente apto para trabalhar com alunos com NEEs?
8. Encontra alguma dificuldade específica com esses alunos? Quais?
9. Como você avalia sua formação profissional?
10. Quais as principais dificuldades encontradas no dia a dia na escola?

As respostas abaixo devem ser respondidas com as alternativas sim ou não, exceto as questões 1 e 5 que também podem ser descritivas.

1. Você foi afastado do trabalho no último ano? Qual motivo? ()sim ()não
2. Alguma vez já procurou apoio de profissionais na área de psicologia ou psiquiatria? ()sim ()não
3. Já precisou entrar de licença médica nos últimos tempos? () sim ()não
4. Você se sente pressionado no ambiente de trabalho? ()sim ()não

5. Tem se sentido nervoso ou estressado frequentemente? ()sim ()não
6. Algo o incomoda no ambiente de trabalho? O que? ()sim ()não
7. Sente-se valorizado no trabalho? ()sim ()não
8. A comunicação é efetiva no ambiente de trabalho? ()sim ()não
9. As relações interpessoais são satisfatórias? ()sim ()não
10. Há excesso de competição? ()sim ()não
11. Você tem autonomia no trabalho? ()sim ()não
12. Há expectativas de crescimento? ()sim ()não
13. Há ofertas de cursos de qualificação/treinamento? ()sim ()não
14. Você considera a quantidade de trabalho excessiva? ()sim ()não
15. Os episódios de irritabilidade são constantes? ()sim ()não
16. Você apresenta dificuldade de sono? ()sim ()não
17. Tontura? ()sim ()não
18. Taquicardia? ()sim ()não
19. Falta de apetite? ()sim ()não
20. Falta de motivação? ()sim ()não
21. Cansaço excessivo? ()sim ()não
22. Senso de humor deficitário? ()sim ()não
23. A escola fornece monitores em sala de aula? ()sim ()não
24. A escola tem sala de recurso? () sim () não
25. Os alunos com NEEs participam de aulas no contraturno? () sim ou não ()

ANEXOS

Anexo A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor(a) Professor(a),

Sou orientando (a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre _____ . Assim, gostaria de consultá-lo (a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de _____
(explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como _____ *(explicitar instrumentos de coleta de dados)*, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone _____ ou no endereço eletrônico _____. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Professor

Nome do Professor: _____

E-mail(opcional):

Anexo B: Aceite Institucional



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Aceite Institucional

O (A) Sr./Sra. _____ (*nome completo do responsável pela instituição*), da _____ (*nome da instituição*) está de acordo com a realização da pesquisa

_____, de responsabilidade do(a) pesquisador(a) _____, aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar no Instituto de Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano da Universidade de Brasília, realizado sob orientação da Prof. Doutor/Mestre. _____.

O estudo envolve a realização de _____ (*entrevistas, observações e filmagens etc*) do atendimento _____ (*local na instituição a ser pesquisado*) com _____ (*participantes da pesquisa*). A pesquisa terá a duração de _____ (*tempo de duração em dias*), com previsão de início em _____ e término em _____.

Eu, _____ (*nome completo do responsável pela instituição*), _____ (*cargo do(a) responsável do(a) nome completo da instituição onde os dados serão coletados*), declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

_____ (local), ____/____/____ (data).

 Nome do (a) responsável pela instituição

 Assinatura e carimbo do(a) responsável pela instituição